

CRESCIMENTO ATUAL NO SETOR FLORESTAL PODE SER COMPROMETIDO SE AVANÇOS EM COMPETITIVIDADE NÃO FOREM IMPLEMENTADOS.

O setor florestal brasileiro, semelhante os demais setores da economia, enfrenta os desafios da situação instável da economia global que ora sinaliza para reações de expansão e ora emite sinais de desaquecimento. De modo geral, vale ressaltar que os problemas crônicos apresentados pela conjunção econômica e política do nosso país, que se refletem nas deficiências de infraestrutura e de outras variáveis que afetam, sobremaneira, a competitividade geral dos nossos sistemas de produção, são aspectos que demandam atenção por parte dos nossos governantes, uma vez que é notória as nossas deficiências e como elas afetam nossa competitividade. Nesse mês de abril de 2013, a Conjuntura do Centro de Inteligência em Florestas acompanha os movimentos e tendências dos vários segmentos do Setor Florestal Brasileiro, mediante o cenário econômico nacional e internacional.

Segmento de Celulose e Papel

A produção brasileira de celulose teve leve recuo em fevereiro deste ano, mas as exportações avançaram em comparação com o mesmo período do ano passado (Bracelpa). As fabricantes de celulose produziram 1,16 milhões de toneladas em fevereiro, queda 1,4% em relação ao mesmo período do ano passado. No bimestre, porém, houve crescimento de 2,8%, atingindo 2,4 milhões de toneladas.

As exportações avançaram 11,5% em fevereiro, em comparação ao mesmo período do ano passado, atingindo 795 mil toneladas e encerrando o bimestre com 1,43 milhões de toneladas.

A produção brasileira de papel em fevereiro subiu 0,7%, para 829 mil toneladas, acumulando, no bimestre, um saldo de 1,69 milhões de toneladas, crescimento de 1,6% na comparação com fevereiro de 2012. Por sua vez, as vendas de papel no mercado interno cresceram 3,4% em fevereiro e 7% no bimestre (Bracelpa).

Em termos de investimentos, os setores de papel e celulose, automotivo, alimentos e energia estão direcionando os investimentos privados para região Sul do

país. Ao todo, os três estados dessa região devem receber cerca de R\$ 38 bilhões em projetos de ampliação e construção de novas indústrias.

Do total de investimentos, somente o setor de papel e celulose será responsável por um terço do total investido – R\$ 12,7 bilhões. A Klabin promete construir uma fábrica de celulose de R\$ 6,8 bilhões em Ortigueira, na região dos Campos Gerais, e a chilena CMPC Celulose Riograndense está investindo R\$ 4,9 bilhões na expansão e modernização da fábrica localizada em Guaíba, na região metropolitana de Porto Alegre. Mão-de-obra qualificada e proximidade dos grandes centros de consumo, além de incentivos fiscais, boa infraestrutura de energia, comunicações e de suprimento de matéria-prima e a existência de uma estrutura industrial pré-existente, ajudam a explicar a atração dos investimentos para essa região do Brasil.

Na Bahia, a expansão da celulose nos territórios da Costa do Descobrimento e no Extremo Sul, que chegará a R\$ 10 bilhões nos próximos anos, exigirá nova infraestrutura logística e iniciativas para reduzir os impactos no meio ambiente e reverter parte dos ganhos das indústrias em benefício dos territórios. Segundo o secretário do Planejamento, José Sergio Gabrielli, “com a implantação do Porto Sul, o fluxo de cargas de minerais e celulose deverá ser alterado, já que hoje a produção escoava, principalmente, pelo Espírito Santo ao invés da Bahia”, afirma o secretário, lembrando que já está prevista a duplicação da BR 101 na região, o que fortalecerá o nó logístico.

Segmento de Madeira Processada

Em março de 2013, as exportações de madeira e derivados foram de US\$163,58 milhões, representando um aumento de 7,7% em relação ao mês anterior. Já as importações, nesse mesmo período, foram de US\$12,95 milhões, o que representa um aumento de 19,36% em relação a fevereiro. O saldo da balança comercial de março foi de US\$150 milhões (6,8% maior que fevereiro). No acumulado do primeiro trimestre de 2013, as exportações totalizaram US\$456 milhões, apresentando uma redução de 3,3%, quando comparado ao mesmo período do ano passado, indicando um ligeiro desaquecimento das indústrias madeireiras neste ano. As importações de janeiro e fevereiro de 2013 totalizaram US\$38 milhões e foram 15,5% inferiores ao mesmo período de 2012, refletindo menor atividade econômica do

setor em 2013. O saldo acumulado da balança comercial de 2013 é de US\$417,8 milhões, 2% menor que igual período do ano passado. Portanto, o segmento de madeira vem sinalizando que em 2013 teremos uma menor atividade que o ano anterior, caso não haja reações no mercado interno e externo (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Março de 2012 e 2013, em 1000 US\$

2013			2012			Variação % entre os anos			
Mês	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
JAN	140.583	14.367	126.216	134.418	16.686	117.732	4,6	-13,9	7,2
FEV	151.817	10.850	140.967	153.952	12.331	141.621	-1,4	-12,0	-0,5
MAR	163.586	12.951	150.635	183.004	16.128	166.877	-10,6	-19,7	-9,7
Acumulado	455.986	38.168	417.818	471.374	45.145	426.230	-3,3	-15,5	-2,0
Variação entre FEV e MAR	7,75	19,36	6,86	18,87	30,79	17,83			

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

O setor madeireiro se prepara para atender a norma de desempenho da construção civil. Trata-se da Norma de Desempenho de Edificações Habitacionais (ABNT NBR - 15575:2013), publicada em fevereiro deste ano, e que estabelece parâmetros e padrões técnicos para as edificações, melhorando a qualidade dos produtos oferecidos pelas indústrias e da vida do consumidor. A norma cria especificações para garantir mais segurança e conforto nas edificações. Atento às novas exigências, o setor de madeira processada mecanicamente, que inclui painéis, portas, molduras, pisos, entre outros, se prepara para cumprir os requisitos da norma. Os fabricantes de portas de madeira, por exemplo, se organizaram por meio do Programa de Qualidade para Portas Internas de Madeira (PSQ-PIM), da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci). A certificação exige testes e ensaios nas portas para avaliar o comportamento do produto sob ação de água, calor, umidade, resistência ao fogo e isolamento sonora. Também está sendo criado um procedimento padrão de instalação da porta nas obras. A expectativa dos fabricantes é de que até junho saiam os primeiros certificados. Na avaliação da

Associação, as medidas trarão benefícios e melhorias para todo o setor - “quando se normatiza um produto, toda a cadeia produtiva (fabricantes, fornecedores e consumidores) se organiza e otimiza a produção. A publicação dessa norma, considerada um marco para o desenvolvimento da construção no País, é resultado do diálogo e da parceria entre o setor produtivo e fornecedores”, explica Paulo Pupo, superintendente da Abimci (Rural Centro).

Na questão ambiental, o esforço do Ibama para conter as irregularidades das empresas madeireiras continua. O Ibama identificou uma movimentação indevida de 64 mil metros cúbicos de créditos de madeira serrada (o equivalente a 3,2 mil caminhões cheios), recentemente, enviados em massa e de forma fraudulenta por serrarias de cinco diferentes estados para abastecer madeireiras no Pará. Vinte e sete empresas paraenses envolvidas no esquema, cujo objetivo era esquentar madeira ilegal explorada nas florestas protegidas do estado, tiveram o acesso aos sistemas eletrônicos federais DOF e estadual Sisflora/PA bloqueados pelo instituto, e não poderão mais negociar produtos florestais no país. No total, cerca de cem madeireiras no Pará receberam os créditos indevidos do esquema e também poderão ter o acesso ao mercado bloqueado. As empresas envolvidas, além das multas, que até o momento somam R\$ 10 milhões, serão denunciadas ao Ministério Público por formação de quadrilha, fraude nos sistemas oficiais de administração ambiental e crimes fiscais (Ibama/EcoAgência).

Enquanto isso, empresas que promovem o manejo florestal sustentável agonizam, pois não conseguem competir com as madeireiras que estão atuando de forma ilegal. Por exemplo, empresas como a Mil Madeiras Preciosas, subsidiária brasileira do grupo suíço do setor de madeira Precious Woods, estão apresentando resultados insatisfatórios. Localizada no município amazonense de Itacoatiara, a cerca de 170 quilômetros de Manaus, esta empresa foi, em 1997, a primeira no Brasil, e uma das primeiras do mundo, a ter sua operação de extração de madeira nativa em florestas certificadas pelo padrão FSC (Conselho de Manejo Florestal) - “estamos no prejuízo há anos”, afirma o piauiense João Cruz, diretor florestal da Mil Madeiras. Cruz afirma que os acionistas do grupo suíço estão insatisfeitos com os resultados da operação brasileira. Da mesma forma, a maioria das empresas que exploram florestas na região amazônica de maneira legal e sustentável, seguindo as regras dos órgãos de meio ambiente ou preceitos sociais e ambientais mais exigentes, como o do FSC, está

hoje em agonia financeira. A serraria da Cikel, uma das madeireiras mais conhecidas do setor, com áreas de florestas certificadas pelo FSC no Pará, opera hoje com uma ociosidade de 80%. A situação não é muito melhor na Orsa Florestal, cujas florestas localizadas no Vale do Jari, no Pará, têm o selo verde: o desempenho da empresa foi muito aquém das metas estabelecidas para 2012 e ela está com os estoques em seu limite máximo. “É possível ganhar dinheiro hoje com o manejo da floresta? Não. Quem disser o contrário está mentindo”, diz Roberto Waack, presidente da Amata. A empresa foi uma das vencedoras da primeira licitação, em 2008, para testar a viabilidade da exploração sustentável de madeira em Jamari, floresta da União que está localizada no estado de Rondônia (Painel Florestal – Exame).

Produtos Florestais Não-Madeireiros

Nos dois primeiros meses do ano, o preço médio da borracha natural em São Paulo apresentou uma queda de R\$2,82 para R\$2,75 por kg. No tocante às importações de borracha natural, estas somaram US\$330 milhões em janeiro desse ano, caindo para US\$307 milhões em fevereiro.

Com relação às políticas governamentais para o segmento, a atividade seringueira do Amazonas deverá receber investimentos da ordem de R\$ 1,5 milhões, que permitirão elevar a produção anual da matéria-prima da borracha, estimada hoje em 800 toneladas, para 5 mil toneladas anuais até 2014. O montante será investido pelo governo do Estado, por meio do programa Amazonas Rural, para a aquisição de 2 mil kits Sangria. Tal medida vai beneficiar 1.725 produtores em 28 municípios do interior do Amazonas.

De acordo com o secretário geral do International Rubber Study Group (IRSG), é previsto uma forte demanda global por pneus na próxima década. Apesar dos problemas econômicos na Europa e nos Estados Unidos, além da desaceleração do crescimento da China, a expectativa é por um período de crescimento sustentável e de forte demanda por novos veículos e pneus na próxima década. A maior parte da demanda será originada na China e, em menor escala, na Índia. No Brasil, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), a venda de veículos vem crescendo gradualmente. Foram 3,3 milhões comercializados em 2012. A tendência é que este ano registre um aumento de 4,5%, subindo para 3,49 milhões de

unidades vendidas. Em 2022, as previsões apontam para um total de 6 milhões de unidades comercializadas.

De acordo com Heiko Rossmann, diretor executivo da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor), o aumento da produção de veículos significa aumento direto na demanda por borracha natural, sobretudo para a produção de pneus. Um problema apontado por Rossmann, contudo, é que a oferta doméstica anual de borracha natural não acompanha o ritmo de crescimento da indústria consumidora. De acordo com suas projeções, o Brasil deve produzir 214 mil toneladas de borracha natural em 2020, no cenário mais otimista. Considerando a capacidade instalada da indústria automobilística e os seus planos de expansão, o consumo de borracha natural deverá ser de 535 mil toneladas (BORRACHA NATURAL).

Segmento Moveleiro

O setor moveleiro, nesses três primeiros meses do ano, mantém, até certo ponto, o otimismo dos empresários e especialistas sobre o crescimento do setor em 2013. Um pouco de cautela, no entanto, se faz necessário, uma vez que o quadro econômico atual, interno e externo, tem se mostrado instável, alternando crescimento com retração. Segundo o Informe Conjuntural do primeiro trimestre de 2013 da Confederação Nacional da Indústria (CNI), analisando particularmente o setor de móveis, o forte aumento da massa salarial verificado para o mesmo, muito acima do crescimento do faturamento real, deve trazer perda ainda maior de competitividade deste no decorrer do ano. Essa perda de competitividade, não apenas desse setor, mas da indústria em geral, afirma o relatório, não é uma questão pontual, mas reflete o baixo crescimento da produtividade e da alta dos custos de produção observados no país desde antes da crise internacional.

Com relação às exportações brasileiras de móveis, essas se apresentam crescentes nos três primeiros meses do ano, o que representa, aparentemente, um bom sinal para o setor, principalmente em face da redução atual do nível geral da atividade econômica no país e no exterior. No entanto, do ponto de vista mais abrangente, o cenário permanece preocupante uma vez que essas exportações estão em patamares menores do que os verificados nos três primeiros meses dos anos de 2011 e 2012, respectivamente, 12% e 4%. Além disso, elas estão 23% abaixo da média histórica de exportação de US\$40 milhões mensais.

No acumulado de abril de 2012 a março de 2013, o setor exportou, aproximadamente, US\$455 milhões em móveis, valor este 11% inferior ao ocorrido no mesmo período entre abril de 2011 e março de 2012, de US\$508 milhões.

No geral, as importações brasileiras de móveis têm seguido uma trajetória recente de crescimento contínuo. No acumulado, de abril de 2012 a março de 2013, essas somaram US\$27 milhões, aproximadamente, sendo 35% maiores do que aquelas ocorridas entre abril de 2011 e março de 2012 (US\$20 milhões), aproximadamente.

Nos três primeiros meses do ano de 2013, as importações de móveis, em geral, apresentaram-se maiores do que as verificadas nos mesmos meses de 2011 e 2012. Os dados, no entanto, sugerem certo declínio na força dessas importações, em decorrência, talvez, de restrições ao consumo impostas por variáveis, como inflação crescente, câmbio, burocracia etc. Em março de 2013, as importações foram 14% menores do que as de março 2012 e 87% maiores do que as de março de 2011 (Quadro 2).

Quadro 2 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a Dezembro de 2012 e de Março de 2013 (1000US\$ FOB)

Meses	Exportações Totais			Variação			Importações totais			Variação		
	2011	2012	2013	2012/ 2011	2013/ 2011	2013/ 2012	2011	2012	2013	2012/ 2011	2013/ 2011	2013/ 2012
Jan.	29.297	27.620	26.656	-6%	-9%	-3%	837	1.500	2.206	79%	164%	47%
Fev.	37.020	33.067	32.286	-11%	-13%	-2%	991	1.922	2.192	94%	121%	14%
Mar.	39.407	35.463	33.341	-10%	-15%	-6%	1386	2.997	2.593	116%	87%	-14%
Abr.	35.796	32.385		-9,5%			533	1.040		95%		
Mai.	40.410	38.773		-4,0%			1.008	2.882		185%		
Jun.	41.611	36.281		-13%			1.069	1.651		54%		
Jul.	38.493	37.196		-19%			1.258	1.613		34%		
Ago.	44.226	45.289		2,4%			3.273	2.088		4%		
Set.	37.223	35.374		-22%			1.232	3.128		153%		
Out.	41.477	42.926		4%			2.202	3.599		63%		
Nov.	38.995	42.605		9%			1.495	2.559		74%		
Dez.	41.614	38.474		-7%			1.875	1.921		2%		
Total	517.896	458.933		-11%			17.159	26.900		57%		
Total últimos 12 meses		508.322	455.066			-11%		20.364	27.472	%		35%

Fonte: MDCI, elaborada pelos autores.

A intensificação de ações voltadas à ampliação da competitividade em face de um quadro permanente de queda de exportações e aumento de importações deve ser priorizada, no curto e médio prazo, para que se alcance o pleno desenvolvimento deste importante setor de economia nacional.

Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço do carvão vegetal em fevereiro e março de 2013, baseado no preço médio para Minas Gerais, ficou em torno de R\$ 497 e R\$ 491 por tonelada de carvão, respectivamente, segundo dados da Associação Mineira de Silvicultura (MAS) - queda de 7,5% e 7,35% no valor quando comparado aos meses de fevereiro e março de 2012, respectivamente.

Segundo o Instituto Aço Brasil, as exportações de produtos siderúrgicos em fevereiro de 2013 atingiram 815 mil toneladas (US\$510 milhões). Com esse resultado, as exportações em 2013 totalizaram 1,7 milhões de toneladas e 1,1 bilhões de dólares, representando declínio de 4,8% em volume e de 16,9% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

No que se refere às importações, registrou-se, em fevereiro, o volume de 294 mil toneladas (US\$308 milhões), totalizando, desse modo, 572 mil toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, redução de 13,1% em relação ao mesmo período de 2012.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em fevereiro foi de 2,0 milhões de toneladas, totalizando 4,0 milhões de toneladas em 2013. Esses valores representaram queda de 3,3% e 1,4%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

A produção brasileira de aço bruto em fevereiro de 2013 foi de 2,6 milhões de toneladas, queda de 6,2% quando comparada com o mesmo mês em 2012. Em relação aos laminados, a produção de fevereiro, de 2,0 milhões de toneladas, apresentou redução de 7,0% quando comparada com fevereiro do ano passado. Com esses resultados, a produção acumulada em 2013 totalizou 5,5 milhões de toneladas de aço bruto e 4,0 milhões de toneladas de laminados, havendo redução de 2,5% e queda de 2,8%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2012.

Quanto às vendas internas, o resultado de fevereiro de 2013 foi de 1,7 milhões de toneladas de produtos, redução de 1,7% em relação a fevereiro de 2012. As vendas acumuladas em 2013, de 3,5 milhões de toneladas, mostraram crescimento de 1,3% com relação ao mesmo período do ano anterior.

A expectativa é de que nos próximos meses de 2013, os mercados do carvão vegetal e ferro gusa se reaqueçam devido às obras do Governo Federal para a Copa do Mundo, segundo Marcos Brito (Presidente do Sindicarv), o que pode melhorar o desempenho do setor de carvão vegetal para siderurgia no mercado.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.